

Monstros do Cinema: da criatura livro às criaturas que nele habitam

Lilane Maria de Moura Chagas

Caroline Machado

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente trabalho objetiva entrecruzar duas importantes categorias para pensar a literatura oferecida aos pequenos leitores: os livros-brinquedo e os clássicos da literatura. Elegemos o livro *Monstros do Cinema*, produzido por Augusto Massi e Daniel Kondo, livro brincante que se destaca por vários motivos: porque é destinado a toda a família e, portanto, autoriza o diálogo entre gerações e a sobrevivência da narrativa; porque aborda aspectos, às vezes, censurados aos pequenos leitores, como o medo, o mal, a morte, e permite a compreensão e elaboração dos mesmos por parte dos leitores; porque permite uma aproximação afetiva, sensorial, brincante e, dessa forma, possibilita à criança que se aproprie e comunique uma experiência. Formado por diferentes combinações de monstros que habitam o imaginário social coletivo, resultando num “monstruário” que engendra brincadeiras com os personagens, com seus nomes e com as misturas de características deles, o livro extrapola o aspecto lúdico, informa e oferece conhecimentos e fatos históricos. Observamos, então, um exemplar que não se restringe a livro-brinquedo nem se resume a livro informativo, propondo um hibridismo pouco habitual. Constitui-se, na verdade, como um daqueles livros de que se pode fazer uso de suas múltiplas potencialidades: literária, pedagógica, estética, lúdico-reativa. O entrelaçamento da literatura com o cinema, observado na obra selecionada, permite ampliar a forma de se ver a realidade. É a palavra, a narrativa em sua potencialidade, expressando, traduzindo, transportando para mundos desconhecidos, permitindo ao leitor, no tempo presente, revisitar o passado e, simultaneamente, imaginar o futuro. Trata-se de um material que rompe com a convencionalidade do que habitualmente conhecemos e que circula no contexto editorial. É resultado de intensa pesquisa dos autores sobre os elementos já mencionados que expõem todo o cuidado e preocupação estética com a obra que se materializa nesse artefato cultural tão importante na contemporaneidade que é o objeto livro e que uniu forma e conteúdo, nesse gênero que buscamos também dar visibilidade: o livro-brinquedo.

Palavras-chave: livro-objeto; livro-brinquedo; literatura infantil.

Tapete vermelho... na passarela *Monstros do Cinema*

*Monstros do Cinema*⁷⁶, o livro assinado por Augusto Massi e Daniel Kondo, produzido pela SESI- SP⁷⁷ Editora, está no centro das análises e reflexões apresentadas nesse texto. Este é um livro-brinquedo que resgata ícones da monstruosidade da história do cinema de forma brincante, provocando a participação do leitor de toda idade, como os autores salientam já na capa: uma diversão “pra toda a família”.

A publicação é resultado da colaboração de dois reconhecidamente importantes autores brasileiros: Augusto Massi é professor de literatura brasileira da Universidade de São Paulo, editor, crítico literário e poeta, e Daniel Kondo é autor e ilustrador.

Um dos critérios fundamentais para a definição de nossa escolha foi a distinção da obra com o Selo Altamente Recomendável e o prêmio da Fundação Nacional de Literatura Infante Juvenil (FNLIJ), em 2017, como o melhor livro na categoria Livro-brinquedo. Nesse mesmo ano, o livro foi indicado na categoria livro infantil digital ao Prêmio Jabuti. O notório reconhecimento da qualidade da obra literária nos mobilizou a realizar a pesquisa e a análise dessa importante produção brasileira, classificada na categoria livro-brinquedo⁷⁸.

Embora não tenhamos conhecimento de dados quantitativos que nos permitam afirmar que a temática sobre monstros seja de interesse na infância de muitas crianças, é possível perceber o destacado êxito literário e, sobretudo, o notório sucesso de bilheteria de muitos filmes da primeira metade do século XX como: *Frankenstein* (1910); *Drácula* (1922); *Corcunda* (1923); *Múmia* (1932); *Zumbi* (1932); *King Kong* (1933), *Lobisomem* (1941) e os da segunda metade do século XX e século XXI, como: *Godzilla* (1954); *ET* (1982); *Gremlins* (1984) e *Malévola* (2014) que abordam mistérios, medos, transformações, luta do bem e mal ou aspectos desconhecidos que, ao longo de gerações, provocaram – e, se reeditados, continuam provocando

76 Link para ver o trailer do livro: <https://www.youtube.com/watch?v=MQ9pP7heauw>. Booktrailer *Monstros do Cinema* – Massi & Kondo labs. (Publicado em 5 de out. de 2016).

77 Cf. <https://www.sesispeditora.com.br/>.

78 Cabe ressaltar que não foi tarefa fácil encontrar um livro que congregasse os três critérios estabelecidos para desenvolver o trabalho: ser um livro-brinquedo, tratar de um clássico ou da atualização dele e ter autoria brasileira. Muitos livros encontrados eram adaptações de conhecidos clássicos de autoria estrangeira, destes, poucos se encaixavam na categoria livro-brinquedo e muitos dos que poderiam assim ser classificados tinham qualidade muito questionável, sobretudo em relação às imagens e às simplificações que empobreciam demasiadamente o texto original.

– diversos sentimentos ao leitor ou ao cinéfilo, pois essas criaturas personificadas habitam a literatura e o cinema desde alguns séculos. Afirma Augusto Massi que

Os monstros desempenham vários papéis em nossas vidas. No entanto, o principal deles talvez seja o de domesticar o medo. Tudo que o homem teme está relacionado ao território do desconhecido, do incompreensível, do estranhamento. Por isso, o medo precisa, antes de mais nada, ser descrito, adquirir uma forma, assumir uma figura. Isso ocorre desde o tempo das cavernas quando o homem pintava a caçada aos bisontes, está presente nos primeiros relatos das grandes navegações repleta de monstros marinhos ou, até hoje, nos relatos sobre seres vindos do espaço. É a forma que o homem encontrou para enfrentar, estudar, assimilar, superar o medo. É desse ponto de vista que *Monstros do Cinema* procura mobilizar tanto a criança quanto o adulto. Ambos podem rir, brincar e revisitar os seus medos mais infantis. (MASSI, entrevista - Disponível em <http://esconderijos.com.br/monstros-do-cinema-para-criancas-e-adultos-de-todas-as-idades/>).

Seguindo essa linha de pensamento, podemos destacar que as narrativas ficcionais existem tanto na literatura, como no cinema e na tradição oral, pois são narrativas que ajudam o ser humano a lidar com seus próprios medos (desconhecidos ou não), seus monstros e fantasmas internos. Sobre a criança, é importante ainda destacar, segundo as palavras de Maria Rita Kehl, que

As crianças continuam interessadas no mistério; se ele se empobrece, elas o reinventam. Da mesma forma, são fascinadas por tudo o que desperte nelas a vasta gama de sentimentos de medo. O medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção; grande parte dele provém das mesmas fontes do mistério e do sagrado. O medo pode ser provocado pela percepção de nossa insignificância diante do Universo, da fugacidade da vida, das vastas zonas sombrias do desconhecido. É um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte. Em função dele, desenvolvemos também o sentido da curiosidade e a disposição à coragem, que superam a mera função de defesa da sobrevivência, pois possibilitam a expansão das pulsões de vida. As crianças procuram o medo. As histórias infantis incluem sempre elementos assustadores que ensinam os pequenos a conhecer e enfrentar o medo. (Kehl, 2006, p. 16)

Diante dessas palavras, podemos admitir o potencial criativo e (re)criativo das diversas formas de narrativas constitutivas do desenvolvimento humano, pois as narrativas sempre tiveram na formação da complexa natureza humana, como maneira de conhecer e como maneira de organizar e comunicar experiência. Todas as distintas formas narrativas falam do trabalho criador da imaginação e da fantasia. Desse modo, compreendemos também a narrativa como uma mediação no desenvolvimento da capacidade criadora do ser humano (Chagas, 2006).

Ainda sobre o tema, recorreremos às palavras do filósofo alemão Walter Benjamin que, em seu conhecido ensaio sobre a iminência do recuo das narrativas orais na modernidade, destaca o potencial que elas conservam ao longo da história de manter viva a tradição, esse fio que une gerações de diferentes tempos e lugares. Sobre as narrativas antes destinadas ao compartilhamento coletivo, tomando o conto de fadas como exemplar⁷⁹, ele diz:

Ele [o conto de fadas] é ainda hoje o primeiro conselheiro das crianças, porque foi o primeiro da humanidade, e sobrevive, secretamente, na narrativa. (...) O conto de fadas ensinou há muitos séculos à humanidade, e continua ensinando hoje às crianças, que o mais aconselhável é enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância. (Assim, o conto de fadas dialetiza a coragem (*Mut*) desdobrando-a em dois pólos: de um lado *Untermut*, isto é, astúcia, e de outro *Übermut*, isto é, arrogância). (Benjamin, 1994, p. 215)

A narrativa permite que a criança entrecruze memória individual com a história coletiva, e encontre respostas para diversas questões, mas também que experimente distintas situações em segurança para poder enfrentar medos que, muitas vezes, não consegue ainda reconhecer ou nomear, mas encontra lugar de projeção nos personagens das histórias.

É constitutivo do humano e predominante na infância as brincadeiras de faz-de-conta, os jogos, os experimentos com elementos da natureza, entre outras experiências. Daniel Kondo indaga:

[...] Quem nunca foi um monstro quando era pequeno? Quem não desejou ter dentes sanguinolentos ou transformar-se em lobisomem quando a lua cheia surgiu no céu? Ser uma múmia do Egito,

⁷⁹ O conto de fadas é aqui entendido como exemplar narrativa de tradição oral que contém a possibilidade de compreender e enfrentar os medos, os mitos.

um Frankenstein ou um Conde Drácula? Talvez Godzilla destruindo cidades ou um zumbi faminto por cérebros? (Kondo, 2015, s/p).

E nessas brincadeiras, representações, o drama humano é elaborado e temas como vida, morte, sentimentos de amor, ódio, rejeição, dor ou alegrias vão aparecendo neste período de desenvolvimento e se complexificando à medida que outras fases da vida surgem.

Da literatura para o cinema, do cinema para a literatura: um entrelaçamento de linguagens.

Em entrevista⁸⁰ para “A Taba – Leitura em rede”⁸¹, Daniel Kondo afirma que a motivação para a concepção do livro surgiu primeiramente como uma ideia de realizar diferentes combinações e de sua paixão desde a infância por monstros (desenhos, filmes, brincadeiras...). *Monstros* está em seu imaginário desde criança, com elementos de muitos afetos, e com encontros e diálogos com Augusto Massi, já parceiro literário de outros afetivos trabalhos, o projeto se realiza e coloca em evidência os filmes assistidos quando criança, exatamente para dar forma aos seus próprios medos de infância, para resgatar esse “monstruário” que o acompanha em sua trajetória e para contextualizar historicamente as brincadeiras que tinha imaginado.

Augusto Massi complementa essa informação na mesma entrevista, destacando que essa ideia inicial foi se ampliando, e o desejo de construir um repertório para esse livro e fazer uma edição com o conteúdo dos monstros do cinema foi se incorporando e ganhando uma outra proporção. Foram anos de idas e voltas de muitos diálogos, estudos, trabalho de produção e edição sobre forma e conteúdo até se materializar na edição final. Salienta Massi que também sua paixão pela literatura e pelo cinema lhe permitiu conviver com seres fantásticos. Assim, ele afirma:

[...] Decidi, então, realizar uma longa viagem no tempo e retornar ao país da minha infância: visitei constelações de filmes, livros, sites, e, quando voltei ao planeta dos adultos, trouxe comigo uma lista dos monstros mais assustadores da história do cinema [...]. (Massi & Kondo 2015, s/p).

80 Conf. Entrevista com Daniel Kondo e Augusto Massi sobre o livro *Monstros do Cinema*. Transmitido ao vivo em 5 de out. de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MfCOCPHJWQo>.

81 Para conhecer mais sobre A TABA: Leitura em Rede, ver também o site oficial: <https://loja.ataba.com.br>.

A criação dessa lista está configurada como “linha do tempo”, no final do livro, intitulada “MONSTROS NA HISTÓRIA”, contendo muitas referências de filmes, diretor, atores, entre outros aspectos. É uma densa pesquisa de filmes com a identificação da origem de cada um deles, posicionando a produção nos principais eventos da história. Antes de se encontrar essa “linha do tempo” no livro, o leitor encontra uma breve, mas cuidadosa explicação sobre a produção cinematográfica. Consta nas páginas finais do livro que

PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Os primeiros monstros do cinema misturavam traços do homem e do mundo animal. Medo que provocavam vinha do que era mais primitivo e desconhecido. Por isso essas terríveis criaturas viviam em regiões distantes, exóticas e misteriosas, como a Ilha da Caveira, o Egito ou a Transilvânia.

Boa parte da literatura, do século dezenove foi aproveitada pelo cinema no início do século vinte. A evolução técnica também foi grande: dos filmes mudos e em preto e branco avançamos rapidamente para o cinema falado, musicado, colorido ou em 3D.

SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Os primeiros filmes de monstros, as histórias ocorriam no passado: um conde do século XV se transformava em Vampiro, uma múmia dormia por três séculos e acordava para encontrar sua amada, um corcunda tocava os sinos da Catedral de Paris em 1482. De 1950 para cá, a maioria dos monstros passou a pertencer ao futuro, habitaram outros planetas: Eles são personagens de ficção científica. Se antes os medos eram individuais e psicológicos, agora, têm uma dimensão social, coletiva, global. Monstros gigantescos destroem nossas cidades. E até o clube masculino dos monstros resolveu abrir suas portas para as mulheres. Hoje as belas também são feras. (Massi e Kondo, 2015, s/p).

Mediante esse conteúdo, podemos afirmar que o livro extrapola o aspecto lúdico. Ele informa e oferece conhecimento produzido e fatos da História. Por essa “linha do tempo” sugerida pelos autores, é possível criar o desejo de se ver e rever os filmes indicados ou de buscar outras literaturas que tratam sobre os eventos da História mencionados. Esse fator também

coloca essa obra num limite entre o livro literário e o informativo. Temos aí um exemplar que não se restringe a livro-brinquedo nem se resume a livro informativo, propondo um hibridismo pouco habitual.

Também nessa produção a relação autor/editor foi se construindo por meio de comentários e críticas, por intermédio de correspondência/e-mails entre autor/editor-ilustrador (Massi, Kondo e Renata Nakano), tudo isso no trabalho intenso de produção e edição para possibilitar um aperfeiçoamento da obra criada e colocar esse livro-brinquedo em circulação no mercado editorial, sobretudo, nas mãos das crianças, ou melhor, de leitores das mais diversas gerações.

Esse é daqueles livros que revela intensa paixão pela literatura e pelo cinema na dimensão da arte⁸². O ilustrador Daniel Kondo efetiva, no objeto livro, movimentos aos monstros, à medida que as páginas do livro são passadas. Idas e voltas no processo criativo das criaturas fílmicas e que habitam o imaginário da infância foram se formando no movimento da criação para contraditoriamente aperfeiçoar a “monstrualidade” dos onze monstros iniciais sem perder o caráter lúdico do objeto livro-brinquedo. Este possui um encadeamento diferente, ou seja, no movimento do cinema, a criança encontra a literatura ou, por outra, é um contínuo esse movimento de fora para dentro de dentro para fora, ou, melhor afirmando, é o movimento da literatura para o cinema, do cinema para a literatura.

Está posta aqui também a ideia do livro aberto que mistura partes. Pode ser descrito como um livro que apresenta uma narrativa imagética de personagens monstruosos do cinema que revelam uma densa e tensa história de terror, mas que convida o leitor a buscar essa história, se assim desejar fora do livro. Para as crianças ou diferentes leitores que desejem aprofundar mais a história do cinema, há uma parte final do livro que contém muitas informações sobre esse aspecto. Desse modo, pode-se entrar em contato com o livro e se criar o desejo de assistir ao filme. Ou seja, o leitor encontra reiterados convites à ampliação e mescla de abordagens ao tema. Ele conhece a história dos personagens, cria outros personagens e, assim, se coloca a possibilidade de invenção de novas histórias.

82 É importante ressaltar que esse conteúdo também ganhou forma em uma Exposição realizada no espaço do Serviço Social do Comércio – SESC – SP, como um projeto em conjunto em sua totalidade contribuindo na produção cultural do País.

Esse é um daqueles livros de que se pode fazer uso de suas múltiplas potencialidades: literária, pedagógica, estética, lúdico-recreativa. É um jogo⁸³, ao combinar as criaturas e, ao mesmo tempo, para as crianças que estão sendo alfabetizadas, juntar, mesclar, criar os nomes pode se tornar uma verdadeira brincadeira com as palavras, com a linguagem verbal e visual. Para as crianças que ainda não se apropriaram do sistema alfabético, é possível acessar as imagens, formar, criar outras imagens e novos monstros podem nascer, representando o desconhecido de nosso imaginário. A narrativa é uma realização da linguagem como uma mediação e um elemento fundamental para a atividade humana.

O entrelaçamento da literatura com o cinema possibilita ampliar a forma de se ver a realidade. É a palavra, a narrativa em sua potencialidade, expressando, traduzindo, transportando para mundos desconhecidos, permitindo ao leitor, no tempo presente, revisitar o passado e, simultaneamente, imaginar o futuro. Segundo Massi,

É interessante como os monstros nos permitem criar pontes e conexões para pensar os principais debates contemporâneos, por exemplo, em torno do feminismo [Malévola], com relação a gravíssima situação dos refugiados na Europa [Zumbi, A volta dos mortos-vivos], sobre a corrida espacial e a colonização do espaço [Aliens, E.T, etc.]. É visível como o cinema pautou e, ainda, pauta ideologicamente as grandes discussões (MASSI, entrevista. Disponível em <http://esconderijos.com.br/monstros-do-cinema-para-criancas-e-adultos-de-todas-as-idades/>).

***Monstros do Cinema* ou luz, câmera, ação: a materialidade brincante do livro**

Este livro apresenta uma série de aspectos interessantes e inovadores em termos da sua materialidade, pois trata-se de um material que rompe com a convencionalidade do que habitualmente conhecemos e que circula no contexto editorial.

As ilustrações de Daniel Kondo, na brincadeira de combinações, colocam em evidência, sob “holofote”, a obra. Já no início, ao abrir o livro, o título

⁸³ Foi produzido também um aplicativo pelo SESI que pode ser baixado gratuitamente na Apple Store e permite às crianças também “virar uma fera”, tem um jogo divertido de combinar cabeça, tronco e membros dos seres, montando sua própria criatura. A brincadeira ultrapassa o livro na realidade virtual.

é escrito em um crescente e inspira o grito do diretor de cinema no processo da filmagem. Na sequência, aparecem três palavras (página cortada/dividida em três partes). Na primeira, lê-se cabeça, na segunda, tronco e, na terceira, membros. Ao virar a página, lê-se: “Misture bons e maus elementos”; “Monte teu próprio monstrego”; “Liberte os Monstros aí dentro”, e o suspense inicia, porque muitos e diversos monstros aparecem a cada medida de uma das partes das páginas e o caráter mais monstruoso pode ser criado, montado e reconstruído por cada leitor, por cada criança – se assim imaginar e desejar – criar seu monstrego por sua própria manipulação, misturando cabeça de um, tronco de outro e pernas de mais outro. Além disso, pode-se combinar as sílabas que compõem a palavra de um, misturada a sílaba da palavra de outro, e, ainda, envolvendo as sílabas desses monstros e as respectivas cabeças, troncos e membros. E, assim, forma-se o nome da nova criatura monstruosa. É também possível combinar o poema da abertura com as sílabas dos monstros. São muitas as possibilidades de criação, em uma verdadeira brincadeira de combinações, a partir da seleção, organização e sugestões dos autores contidas na materialidade desse livro. Assim, o caráter lúdico dos monstregos aparece.

Daniel fez muitos estudos para ajustar cabeça e corpo dos monstros selecionados para compor essa obra. Assim, sua habilidade e estudo protegeu o livro de eventuais problemas técnicos. Cada imagem do livro é bela, mas também “cômica-horripilante”.

Sabemos que, para uma obra tornar-se o que ela é, muitas mãos fazem parte de sua feitura. Assim, ressaltamos o trabalho por parte de todo o corpo técnico, editorial que o produziu. Desde a capa, a história-livro vai se constituindo como processo que envolve muitos autores, não só o autor e ilustrador, mas todos que estão nos bastidores, todos que estão por detrás dos holofotes. É uma criação que é para além. É uma verdadeira construção coletiva.

É também um livro que une distintas gerações em torno do tema (filhos, pais, avós). Destacam-se as palavras de alguns leitores que compõem a orelha do livro. Essas palavras revelam esse entrelaçamento intergeracional. Explicita Cora Rónai, leitora de 62 anos, avó dos gêmeos Fábio e Nina, na parte inicial do livro:

O mundo está cheio de monstros. Eles ocupam os lugares mais improváveis e assombram as pessoas nos momentos mais inesperados. Na prática, corremos todos ao seu encontro, e até pagamos para

vê-los, contentes com o frio na barriga que nos proporcionam. Porém, como é bom saber que eles estão do lado de lá da tela e nós, bem seguros, do lado de cá. Quem não ama um filme de monstro? Nesse livrinho delicioso, não só reencontramos nossos monstros queridos, como podemos misturá-los uns com os outros, lembrando velhos filmes e imaginando novos sustos (Cora Rónai, 2015, s/p).

O que se percebe nesta fala da leitora/avó é a chamada de atenção de que os monstros existem e podem estar em todo e qualquer lugar. Basta um pouco de atenção e podemos identificá-los. O cinema é uma das artes também ressaltadas pela avó e a relação com o livro também. É exatamente isso que não permite denominar a obra de “livrinho”. Talvez o termo tenha sido usado pela leitora para ressaltar a afetividade em relação à obra, mas também sabemos o quanto essa forma diminutiva pode colocar essa literatura num lugar menor: porque produzida para crianças ou (também) porque não alcance, para alguns, o mesmo patamar destinado a outras literaturas.

Na fala da filha – Bia Rónai, leitora de 40 anos, filha de Cora e mãe dos gêmeos Fábio e Nina –, há um dizer intermediário entre a representação desses monstros produzidos pelos filmes da geração anterior, mas que é possível ler uma mudança de sentimento em relação a eles, porque causam muito mais fascinação que medo. São (quase) super-heróis. Segundo ela,

Não se fazem mais monstros como antigamente. Quando pequena, eles eram criaturas perigosas que assombravam nosso imaginário. Hoje, para as crianças que crescem num mundo cheio de perigos reais, os monstros parecem seres irresistíveis, quase super-heróis, que mais fascinam do que assustam. Este livro apresenta aos miúdos alguns monstros famosos (para eles, meros desconhecidos) que continuam bem vivos nas lembranças de seus pais e avós, propondo a criação de novas e divertidas memórias em comum. (Bia Rónai, 2015, s/p).

Já no dizer das crianças, percebe-se o que os monstros assustam, mas também podem divertir. E referindo-se especificamente a esse livro, o caráter lúdico vem à tona. Os gêmeos, filhos de Bia e netos de Cora, de seis anos, afirmam que “Monstro é uma coisa muito assustadora. Todos os meninos têm medo de monstros, mas todos eles adoram monstros”. A menina diz que gostou do livro e que ele apresenta uma “espécie de quebra-cabeça e os monstros são engraçados. O Lobisomem parece um gato com dor de barriga” (Fábio Rónai Charlab e Nina Rónai Charlab/Orelha do livro).

Na fala dos leitores, um verdadeiro convite a leitura e aventuras brincantes entre todos os envolvidos.

Antes que as cortinas se fechem...

O livro revela um trabalho profundo de muita pesquisa dos autores sobre os elementos já mencionados que expõe todo o cuidado e preocupação estética com a obra que se materializa nesse artefato cultural tão importante na contemporaneidade que é o objeto livro e que uniu forma e conteúdo, nesse gênero que buscamos também dar visibilidade nesse texto que é o livro-brinquedo.

Salientamos que a divulgação deste livro contou com as parcerias de novos formatos de comunicação (blogs, facebook, instagram, sites e até exposições!). É na contemporaneidade que essa forma contribui efetivamente para o processo de circulação do livro e compõe o gênero livro-brinquedo, um livro que se constituiu, como o próprio Massi intitulou de signo do três: “três partes do corpo [cabeça, tronco, membros], três gerações de leitores [avós, pais, filhos], três formatos de livro [livro tradicional, livro brinquedo, aplicativo], etc.” (MASSI. Disponível em <http://esconderijos.com.br/monstros-do-cinema-para-criancas-e-adultos-de-todas-as-idades/>).

É importante destacar, ainda, que está cada vez mais difícil de se vislumbrar a materialização de uma obra como a que analisamos aqui no contexto social brasileiro que só faz reduzir as políticas de formação de leitores e contribuir para o fechamento de importantes editoras e livrarias. Contudo, o trabalho profundo, a parceria afetiva entre o coletivo de produção, edição e a persistência tornaram um desejo em realidade e, hoje, a proposta é possibilitar que leitores de todas as idades possam usufruir dos monstros cinematográficos “literantes” e “brincantes”.

Esse livro possibilita aquilo que a narrativa de tradição oral tanto fez para conservar e que se ameaçou perder com o avanço das novas tecnologias: o encontro de gerações distintas e distantes no tempo e no espaço, formando uma comunidade viva de leitores onde todos têm lugar e voz.

Referências bibliográficas

A TABA. Leitura em rede. Entrevista com Daniel Kondo e Augusto Massi sobre o livro "Monstros do Cinema". 2017. (34m24s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MfCOCPHJW-Qo>. (consultado a 17 de julho de 2019).

Benjamin, W. (1994). O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (pp. 197-221). 7 ed. - São Paulo: Brasiliense (Obras escolhidas; v. 1).

Chagas, L. de M. (2006). A língua materna na primeira série do ensino fundamental: As narrativas como fontes da imaginação criadora. 289f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo.

FNLIJ – Fundação Nacional de Literatura Infante Juvenil. Disponível em: <http://www.fnlij.org.br/site/premio-fnlij/livros-premiados/item/822-pr%C3%AAmio-fnlij-2017-%E2%80%93-produ%C3%A7%C3%A3o-2016.html>. (Consultado a 20 de julho de 2019).

Kehl, M. R. (2006). A criança e seus narradores. Prefácio. In: CORSO, D. L. & Corso, D. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis* (pp. 15-19). Porto Alegre: Artmed.

Massi, A. & Kondo, D. (2015). *Monstros do Cinema*. São Paulo. SESI-SP Editora.

Rogério, C. (2016). Monstros do Cinema (para crianças e adultos de todas as idades). Esconderijos do Tempo, São Paulo, 31 out. de 2016. Disponível em: <http://esconderijos.com.br/monstros-do-cinema-para-criancas-e-adultos-de-todas-as-idades/> (Consultado a 17 de julho de 2019).

SESI-SP-EDITORIA. Sinopse Disponível em <https://www.sesispeditora.com.br/produto/monstros-do-cinema/> (Consultado a 24 de julho de 2019).